
Wasted

Wasted(Desperdiçada):

Este conto ocorre entre os eventos de *Web of Lies* e *Venom*. Um dia, uma bela mulher entra no banco onde Finn trabalha, e problemas logo se seguem.



After Dark

Wasted - Desperdiçada

A mulher era uma das criaturas mais belas que eu já tinha visto.

Um metro e sessenta e três centímetros de perfeição suave, curvilínea vertida num paletó apertado e uma saia curta que me deixavam ver exatamente o quão requintados seus seios e pernas eram. Então, novamente, tudo nela era requintado e sussurrava de dinheiro, do desgrenhando artístico de seus cachos vermelhos ao broche de diamante posto em sua jaqueta ao brilho de sua pedicure francesa.

Esta era uma mulher que cuidava de si mesma, provavelmente com um regime rigoroso de exercícios, dieta e tratamentos faciais de elementar de Ar. Inferno, ela poderia até ter sido uma das clientes de Jo-Jo Deveraux no salão de beleza popular da anã. Fiz uma nota mental para perguntar a Jo-Jo da próxima vez que a visse - e ver se a anã tinha algumas garotas mais deslumbrantes que estava mantendo para si mesma e fora das minhas garras gananciosas.

A mulher ficou de pé no saguão do meu banco, First Trust de Ashland, parecendo exatamente como todos os outros clientes obscenamente ricos que entravam pelas portas de vidro duplo em uma base diária. Com seus pesados, antigos móveis de madeira, detalhes folheados a ouro e chão de mármore branco, o banco fora projetado para refletir a generosidade de seus clientes. Tudo era caro e discreto, exatamente do jeito que nossos clientes queriam que fosse.

Seus olhos examinaram o longo balcão que corria pela parede esquerda antes de se moverem para a porta no final - a que levava para baixo aos escritórios e ao cofre do banco profundamente no subsolo.

Eu estava no lado oposto do banco, sentado na beira de uma mesa e conversando com Pete, nosso analista de ações, sobre a viagem de compras que ele havia feito recentemente para Bigtime, Nova York com seu amante e toda a divina moda masculina Fiona Fine com que eles voltaram para Ashland.

— O dever me chama, — Eu disse, ficando de pé.

Pete seguiu meu olhar e bufou. — Sempre chama toda vez que uma mulher bonita entra pela porta, Finn.

— Você só está com ciúmes porque ela não é um cara.

— Dificilmente. Dave e eu estamos muito felizes.

Sorri largamente para ele. — Mas nunca doi olhar, não é?

Pete só riu e se concentrou em seu monitor de computador mais uma vez.

Alisei minha gravata verde, aquela que eu sabia que realçava a cor combinando dos meus olhos, e me dirigi até ela. Meus sapatos escoceses estalaram no chão, chamando sua atenção. Ela olhou para cima para a minha abordagem, e a atingi com um pequeno sorriso, que, naturalmente, ela retornou. Eu era Finnegan Lane, afinal. Charmoso, bonito e rico. Uma combinação difícil para qualquer mulher resistir.

Parei a poucos pés de distância, apenas olhando para ela. De perto, ela era ainda mais deslumbrante, com pele beijada pelo sol, olhos castanhos e lábios exuberantes que só imploravam para serem beijados. Também notei um pequeno conjunto de brilhantes presas brancas em sua boca. Ela era uma vampira então, não que isso importasse para mim minimamente. Gigante, anã, vampira, elementar, uma humana normal como eu. Eu admirava mulheres, sem importar que tipo de força, magia, ou a falta dela elas tivessem.

— Você é o gerente? — Ela perguntou com uma voz leve e doce.

Inspirei. Seu perfume cheirava a madressilva, sutil e caro. Agradável - muito agradável. — Nope, não sou o gerente, mas tenho certeza de que posso te ajudar. O nome é Lane, Finnegan Lane. Meus amigos me chamam de Finn.

E então, dei-lhe meu sorriso mais charmoso, o que eventualmente levava a mais de uma mulher caindo na cama comigo. Eu gostava de mulheres, você vê. Gostava de tudo sobre elas. Da maneira como elas andavam, falavam, cheiravam, riam, sorriam, e, principalmente, da forma como elas se sentiam em meus braços - suaves, macias, flexíveis.

Mas, em vez de retornar o meu sorriso, a boca da mulher se achatou. — Oh. Bem, onde ele está?

— Tenho certeza de que posso te ajudar, — Eu disse, dando-lhe outro golpe dos meus dentes brancos como pérolas. — Eu sou um dos sócios seniores aqui.

Se qualquer coisa, minha insistência educada de que eu poderia ajudar a repeliu ainda mais.

— Não, — Ela disse, apertando a bolsa contra o peito requintado e sacudindo a cabeça. — Eu preciso ver o gerente. Ninguém mais.

Franzi o cenho. — Mas…

— O que parece ser o problema aqui, Lane? — Uma voz de homem interrompeu.

Andrew Stevens, o gerente do banco, veio na nossa direção. Stevens era um sujeito alto e elegante com um escorregadio sorriso de tubarão, que era apenas tão ofuscante quanto o meu. Seu único defeito era um ponto calvo crescente que ele tentava sem sucesso esconder com um combover [1]. Apesar do fato de que eu que trabalhava com o homem há três anos agora, aquele combover ainda me fazia estremecer toda vez que eu colocava os olhos sobre ele. Corri a mão pelo meu próprio cabelo grosso, cor de noz, em reafirmação.

— Você é o gerente? — A mulher perguntou, encarando-o.

Stevens assentiu. — Sou. Como posso ajudá-la hoje…

— Clarissa, — Ela respondeu com uma voz suave, estendendo a mão. — Clarissa Divine.

Stevens podia ser tão charmoso quanto eu. Levou a mão dela aos lábios e deu um beijo macio nela. — Bem, Srta. Divine, é um prazer conhecê-la. Como posso auxilá-la?

Clarissa acenou com a bolsa. — Eu tenho algumas… joias de família que precisam ser colocadas em um local seguro. Alguns itens sobre os quais o meu em-breve ex-marido não precisa saber nada. Foi-me dito que você poderia me ajudar com esse tipo de coisa.

Stevens assentiu e estendeu seu braço. — É claro. Se você apenas vir comigo, Srta. Divine, tenho certeza de que poderemos encontrar uma solução para o seu problema.

Ela tomou seu braço e sorriu para ele então, um sorriso brilhante, ofuscante que foi um prazer de contemplar por si só. Mas o bônus real foi o olhar caloroso, convidativo em seus olhos - o que sussurrava de tantas coisas deliciosas por vir.

Franzi o cenho, me perguntando por que diabos Stevens estava recebendo aquele sorriso, aquele olhar, em vez de mim. Eu a vira primeiro, afinal. E quando Finnegan Lane colocava sua mente em seduzir uma mulher, como eu tinha com Clarissa no segundo que a vira, eu era geralmente bem sucedido, sem importar que obstáculos entrassem no meu caminho - amigos autoritários, namorados ciumentos, maridos carregando pistolas.

Stevens me deu um sorriso triunfante e a escoltou pelo chão e através da porta na extremidade do balcão, sem dúvida levando-a para baixo até seu escritório. É claro, ele poderia ter pedido a uma das caixas aqui no saguão para conectá-la com uma caixa de depósito de segurança, mas eu sabia que Stevens queria dar a Clarissa sua própria atenção pessoal.

Eu teria feito o mesmo, se estivesse nos sapatos escoceses do bastardo sortudo.

---

[1] É uma maneira de pentear os cabelos de modo a tentar esconder uma careca.

***

Clarissa Divine veio ao banco várias vezes depois disso. Na segunda vez, Stevens subiu até o saguão para encontrá-la. Na terceira vez, ela entrou apenas no fechamento, e os dois saíram juntos. Na quarta vez, logo no dia seguinte, ela caminhou até a porta perto do balcão e Stevens telefonou para ela descer. Depois disso, ela entrava e saía como quisesse, tão frequentemente que o guarda gigante estacionado no saguão automaticamente ia abrir a porta para ela.

Stevens não foi tanto um idiota sobre a situação quanto eu teria sido. Se eu estivesse com uma criatura tão linda quanto Clarissa, teria me gabado disso para todos, desde o pessoal no banco a minha amiga, Jo-Jo, e sua irmã, Sophia Deveraux, a minha irmã adotiva, Gin Blanco. Stevens se contentava com um sorrisinho leve e conhecedor em minha direção de vez em quando.

Isso ainda me fazia querer atirar no bastardo, entretanto.

Um dia, cerca de seis semanas após a visita inicial de Clarissa, eu estava em meu escritório tentando encontrar um outro regime de isenção fiscal para uma das minhas clientes elementais de Gelo colocar um pouco mais de sua considerável fortuna familiar quando o interfone na minha mesa tocou.

— Sim?

— Você tem um visitante, Finn, — A voz de Celia, uma das caixas, encheu minha orelha. — Um gigante. Diz que seu nome é Xavier.

— Traga-o para baixo.

— Afirmativo.

Eu não tinha certeza exatamente do por que Xavier queria me ver, já que ao meu conhecimento o gigante não tinha nenhum dinheiro que precisasse esconder da Receita Federal, mas talvez ele me surpreendesse. Eu ficaria feliz de ajudá-lo a deslocar algum dinheiro - por uma pequena taxa, é claro.

Cinco minutos depois, Celia bateu na minha porta aberta e fez um gesto para Xavier entrar. Ele manobrou em torno dela e se aproximou da minha mesa.

— Obrigado, querida, — Eu falei lentamente para Celia, então dei-lhe uma piscadela atrevida. — Isso será tudo.

Apesar do fato de que ela era uma anã que tinha acabado de celebrar seu aniversário de trezentos anos algumas semanas atrás, Celia corou, suas bochechas ficando escarlates debaixo de sua elegante touca de cabelo prateado. Ela devolveu minha piscadela, soltou uma pequena risadinha, e fechou a porta atrás de si.

Xavier sacudiu sua cabeça raspada. Sua pele de ébano brilhava fracamente debaixo das luzes. — Você e as damas. Nunca cessa de me espantar, Finn.

Sorri largamente. — Eu nunca cesso de me espantar também.

Como a maioria dos gigantes, Xavier atingia cerca de 2,1 metros de altura, com um corpo grosso, muscular que era incrivelmente forte. Apertamos as mãos, e eu podia dizer que ele estava tomando o cuidado de manter seu aperto leve, algo que os meus mais frágeis ossos humanos apreciaram. Um terno azul-marinho combinado com uma camisa branca cobria sua estrutura sólida. Belo corte, tecido de qualidade, perfeitamente drapeado. Parecia bom sobre ele. Eu sempre apreciava um terno bem-feito, mesmo que estivesse em outro homem.

Sentei na minha cadeira e fiz um gesto para Xavier tomar o assento oposto ao meu.

O gigante se acomodou na cadeira, olhou ao redor do escritório e soltou um assobio baixo. — Droga. Eu deveria ter sido um banqueiro como você, Finn.

Eu estive no banco quase dez anos agora, desde que saíra da escola de finanças, e, como resultado, meu escritório era um dos maiores neste andar, o terceiro sob o saguão. O escritório de Stevens estava localizado aqui também, no final do corredor, enquanto o cofre do banco estava mais um andar para baixo.

Eu mesmo decorara o escritório em um estilo que era conforto ostentoso, na-sua-cara, sem remorso. Eu tinha o melhor de tudo aqui, dos grossos tapetes persas que cobriam o chão de mármore aos volumes da primeira edição nas prateleiras de livros ao melhor whisky de Brighton que brilhava em sua garrafa dentro do antiquado armário de bebidas. Um sofá em forma de L feito de camurça flexível pegava a melhor parte de uma parede. Ambas as seções do sofá saíam para fazer camas, o que o tornava conveniente para entreter minhas clientes mais amorosas aqui no meu escritório, em vez de ter que sair do banco e conduzir todo o caminho até o meu apartamento.

Minha mesa era um negócio enorme que tinha 2,5 metros de largura e quase tantos compartimentos secretos nela quanto o cofre tinha cofres de segurança. Todos aqueles pequenos buracos de esconderijo e fundos falsos eram onde eu mantinha certos suprimentos. Passaportes, um pequeno saco de diamantes, alguns tijolos de dinheiro, minhas armas e a munição para elas. Quando você nadava com tubarões como eu fazia, nunca sabia quando poderia precisar sair da cidade com pressa ou cuidar de um cliente

particularmente exigente. Meu pai, Fletcher Lane, me preparara para essas eventualidades, e muitas, muitas mais.

Minha única real concessão a funcionalidade moderna era a TV que estava montada em um suporte à minha direita. Atualmente, estava sintonizada em um circuito fechado do saguão do banco e mostrava pessoas indo e vindo, contadores descontando cheques, e mais. Além de trabalhar com clientes, eu também tinha uma mão na segurança por aqui, graças aos vários favores que os maiorais do banco tinham devido ao meu pai. Além disso, eu gostava de manter um olho vigilante sobre coisas relacionadas com dinheiro.

— Banqueiro de investimentos, — Eu disse, corrigindo a declaração anterior de Xavier. — E sim, paga muito, muito bem. Especialmente em um lugar como Ashland, onde grande parte da população tem tanto dinheiro para esconder - e tantos corpos também.

Xavier assentiu, mas não sorriu para o meu humor negro. Normalmente, contar uma piada sobre que cidade corrupta e violenta Ashland era receberia uma pequena risada do residente mais exausto. Não, o gigante era todo negócios hoje. Pena.

— Então o que eu posso fazer por você, Xavier? — Perguntei. — Porque tanto quanto gosto de você, sei que você não veio até aqui para bater papo e fofocar comigo hoje.

O gigante hesitou, encarando seus sapatos. Depois, levantou os olhos negros para os meus. — Tenho um problema.

Bem, isso certamente não era o que eu esperava que ele dissesse. Com seu tamanho e força, não havia tantos problemas que Xavier não pudesse cuidar sozinho, especialmente devido ao fato de que ele trabalhava como um policial para o Departamento de Polícia de Ashland.

— Oh? Que tipo de problema? Com o que você precisa da minha ajuda?

— Não é que eu precise de *sua* ajuda, Finn, — Xavier disse em uma voz cuidadosa. — O que eu realmente preciso é da ajuda de Gin.

Levantei as sobrancelhas. A Gin que ele estava se referindo era Gin Blanco, minha irmã adotiva - e a assassina conhecida como a Aranha. Porém, Gin não era só uma assassina qualquer - como a Aranha, ela era uma das melhores no negócio. Pelo menos, tinha sido. Ela tinha se aposentado alguns meses atrás depois de meu pai e seu mentor, Fletcher Lane, ter sido assassinado. Agora, Gin passava seu tempo conduzindo a churrascaria do Papai, o Pork Pit. Mas ela não tinha esquecido um segundo de seu treinamento - e iria sacar suas facas silverstone sem hesitação se pensasse que havia uma necessidade para elas.

— E com o que você acha que precisa de ajuda de Gin? — Perguntei, minha voz calma, meu rosto sem entregar nada.

Eu queria ver exatamente o que Xavier sabia sobre o que Gin fazia - e quanto de uma ameaça que o gigante poderia ser para nós.

Inclinei-me para trás em meu assento, colocando meus pés em cima da minha mesa como se não tivesse uma preocupação no mundo. O movimento me deixou subrepticiamente apertar um botão na mesa. Um painel deslizou aberto, revelando um pequeno revólver. A arma estava a uma curta distância, e dependendo do que Xavier dissesse ou fizesse, eu poderia ter de usá-la antes que nossa reunião terminasse. O seu não seria o primeiro sangue a manchar meus tapetes. Se qualquer coisa, isso me daria uma desculpa para redecorar. Eu estava ficando bastante cansado do meu tema atual vermelho-e-preto.

Estudei sua posição na cadeira, mentalmente alinhando o tiro só no caso. Eu teria que atirar nele através do olho, é claro, já que os gigantes tinham crânios notoriamente grossos, mas não seria tão difícil. Não para mim. Gin poderia ser a assassina na família, mas o Papai ensinara a nós dois como matar. Apesar da habilidade de Gin com facas e sua magia elementar de Gelo e Pedra, mesmo ela admitia que eu era melhor com uma arma do que ela.

— Bem, primeiro, eu acho que você deve saber que Roslyn e eu estamos... envolvidos agora, — Xavier disse.

Minhas sobrancelhas subiram um pouco no meu rosto. Isto só ia ficando mais e mais interessante. Roslyn era Roslyn Phillips, a cafetina vampira que conduzia a Agressão do Norte, a boate mais decadente de Ashland. Xavier acontecia de ser o porteiro chefe da boate, o cara responsável por certificar-se de que todo mundo ficasse mais ou menos na linha. É de onde eu o conhecia, desde que a Agressão do Norte era o meu lugar favorito para ir procurar companhia feminina após um longo dia no banco. Xavier sempre me deixava passar pela corda de veludo. Claro, eu sempre lhe escorregava um Benjamin[2] ou três por seu esforço, mas ainda assim, eu gostava de pensar que éramos amigos também.

— Envolvidos? — Perguntei. — Então, você e Roslyn estão juntos agora?

— Meio que. Quero dizer... o homem, é apenas... complicado. — Ele se encolheu um pouco. — Espero que você não se importe que eu converse com você sobre isto. Sei que você e Roslyn costumavam ser... amigos.

Tínhamos sido um pouco mais do que isso. Roslyn e eu tínhamos sido conhecidos por ficarmos ocasionalmente para uma noite de sexo, vinho e conversa agradável, seguida

[2] Benjamin Franklin, nota de cem dólares.

de mais algum sexo. Na verdade, eu ligara para ela ainda na semana passada para sugerir essa mesma coisa, já que eu estava entre amantes no momento, mas ela recusara educadamente.

Primeiro Clarissa e agora Roslyn. Eu não tinha certeza de mais quantos golpes meu ego poderia levar.

— Claro, — Eu disse em um tom fácil. — Roslyn e eu somos amigos. Mas se você está ficando com ela, então parabéns para você. Porque ela é linda, homem - por dentro e por fora.

Por um momento, Xavier sorriu. E não foi apenas um sorriso qualquer. Não, ele praticamente *irradiou*. Foi o olhar de um homem profundamente apaixonado. Suspirei. Bem, porra. Eu podia ser um bastardo de coração frio, mas tinha um ponto fraco por Roslyn. Realmente odiaria matar alguém que se importasse tanto assim com ela. Mas eu faria exatamente o mesmo - assim como Gin iria.

Xavier clareou a garganta. — De qualquer forma, houve um… problema no clube recentemente. E de algumas coisas que Roslyn disse, pensei que Gin poderia ser capaz de ajudar.

Ah, inferno. Seu tom de voz me disse exatamente o que ele tinha apanhado de Roslyn - que Gin era a assassina Aranha. Roslyn sabia tudo sobre o que Gin fazia, já que Gin matara o abusivo cunhado da vampira, há não muito tempo atrás. Roslyn viera primeiro a mim sobre encontrar alguém para matar seu cunhado. Eu negara qualquer conhecimento de tais coisas, é claro, mas não muito tempo depois disso, o cunhado tinha se encontrado com um falecimento confuso e prematuro. Roslyn era uma dama esperta, e juntara tudo. Eu, Gin, Papai, e o que fazíamos. Na verdade, Roslyn contara a uma das prostitutas que trabalhava para ela sobre isso tudo, o que eventualmente levara à morte do meu pai.

Gin não pensava que eu sabia sobre isso, no entanto. Gin não pensava que eu sabia sobre um monte de coisas. Matar era a sua especialidade - desentocar informações era a minha.

— Finn? — Xavier perguntou, estranhando meu silêncio.

Suspirei. — Chega de jogos de palavras. Apenas explique para mim, Xavier.

Para minha surpresa, ele fez. Pelos próximos cinco minutos, Xavier se sentou lá e me contou o que estava acontecendo. Cada palavra que ele dizia fazia meu estômago torcer um pouco mais. Porra. Gin não ia gostar disto - nem um maldito bocado. Eu não gostava muito também, mas Gin - ela ia levá-lo pessoalmente. Ela ia culpar a si mesma pelo que estava acontecendo na Agressão do Norte.

— Então você acha que Gin vai ajudar? — Xavier perguntou em voz baixa depois que terminou de contar a sua história.

— Ajudar? — Eu lati uma risada fria. — Inferno, ela vai se sentir responsável pela coisa toda.

Xavier balançou a cabeça. — Não é culpa dela. Não é culpa de ninguém.

— Você não conhece Gin. Ela não verá dessa forma. Ela pode ser tão fria como gelo, mas se você foder com alguém com quem ela se importa - inferno, até mesmo um amigo de um amigo - é melhor você tomar cuidado. Porque ela vai te enterrar a sete palmos de terra e não pensar duas vezes sobre isso.

Comecei a meditar então. Sobre Roslyn e Xavier, sobre Gin, sobre toda a fodida situação. Não sei quanto tempo eu poderia ter sentado lá se Xavier não tivesse clareado a garganta e apontado para a tela da TV.

— Uh, Finn, quem é essa? E por que todos aqueles homens estão com ela?

Olhei. Na tela da TV, Clarissa Divine caminhava a passos largos para o saguão. A vampira parecia tão deslumbrante quanto sempre, mas desta vez, ela não estava sozinha - seis homens vestindo ternos escuros e carregando pastas a flanqueavam.

— Oh, eles? — Eu disse. — Não preste nenhuma atenção a eles. Eles apenas estão aqui para roubar o banco.

***

Xavier franziu a testa e olhou para mim. — Aqui para roubar o banco? Como diabos você sabe disso?

— Porque eu sou o maldito Finnegan Lane, e eu sei das coisas.

Xavier continuou me encarando. Suspirei de novo. Desta vez, fui eu quem contou a história sobre o meu primeiro encontro com Clarissa e todas as vezes que ela tinha voltado ao banco, desde então.

— Então, fiquei imediatamente suspeito quando Clarissa foi para Stevens em vez de mim, — Eu disse. — Desde que eu sou, obviamente, a captura muito melhor.

— Obviamente, — Xavier concordou.

— Hey agora, mantenha o sarcasmo a um mínimo.

Um sorriso torto levantou o canto dos lábios do gigante.

— Então eu fiz alguma pesquisa. Não há nenhuma Clarissa Divine em Ashland ou em qualquer outro lugar do Sul que eu pudesse encontrar. No entanto, há uma Clarissa Devane, que acontece de ser uma prostituta de custo extremamente alto. E adivinhe qual é a sua especialidade?

— Roubar bancos?

Coloquei meus dedos juntos e fiz um movimento de disparo. — Bingo. Primeiro, ela entra e seduz o gerente. Quando o pobre tolo está perdidamente apaixonado por ela, ela vai para o banco com sua tripulação. Eles roubam o lugar e fingem levá-la como refém. Já que o gerente não quer que sua amada tenha seu cérebro explodido, ele está mais do que feliz em dar aos ladrões acesso a tudo o que quiserem, inclusive o cofre. Uma vez que o cofre está vazio, os ladrões levam Clarissa com eles, supostamente usando-a como escudo humano. É claro, tudo é apenas uma parte da fuga dela. Um par de dias depois, os policiais vão ter uma dica sobre um corpo em decomposição vestido no que Clarissa estivesse usando enquanto estava no banco. Já que ela está morta, os policiais procuram os ladrões. Depois de algumas semanas, a polícia vai encontrar os corpos *deles* apodrecendo em algum lugar. Clarissa não gosta de partilhar o seu saque, você vê, então ela acaba com sua própria tripulação após o trabalho estar terminado. Sem ninguém para perseguir, os policiais perdem o interesse, o caso é encerrado, e Clarissa está longe construindo uma nova tripulação e encontrando um novo otário para extorquir.

Xavier assobiou. — Isso é bastante complexo.

Assenti. — Apenas assista a TV, e você verá.

Certo o bastante, aconteceu exatamente como eu disse que iria. Um dos caras com Clarissa puxou uma arma de sua pasta, a agarrou e apertou a arma em sua têmpora. Houve muitos gritos então, tantos que tive que desligar o som da TV.

Eventualmente, depois que os caixas tinham esvaziado todas as caixas registadoras, os ladrões começaram a ameaçar matar Clarissa a menos que o gerente se aproximasse. Alguns segundos depois, Andrew Stevens saiu de trás do balcão onde estivera de pé quando os ladrões entraram no banco. Havia tanto suor em sua testa que eu poderia vê-lo na tela da TV. Os ladrões acenaram suas armas ao redor um pouco mais, e Stevens rapidamente cedeu. Ele se dirigiu para a porta que levava aos andares inferiores - incluindo o cofre.

— Tudo bem, — Eu disse, ficando de pé. — Eu vou conseguir que Gin ajude você e Roslyn com este problema que vocês estão tendo na Agressão do Norte.

Xavier piscou. — Simples assim?

Assenti. — Simples assim. Devo isso a Roslyn. Mas agora mesmo, gostaria que você me ajudasse. Não sei quanto a você, mas depois do que acabou de me contar sobre Roslyn, eu realmente quero machucar alguém. Quer me ajudar a parar um roubo? Inferno, o departamento pode dar-lhe uma comenda por isso. Os maiorais do banco certamente estarão gratos.

Xavier estalou os dedos. Seu sorriso largo combinou com o meu próprio.

***

Apertei alguns botões na minha mesa e agarrei alguns suprimentos dela - nomeadamente, um par de armas. Ofereci uma a Xavier, mas ele recusou educadamente. Então, novamente, ele não precisava realmente de uma arma. Como um gigante, ele era forte o suficiente para desmembrar alguém com as próprias mãos.

Apagamos as luzes no escritório. Já que era tarde numa sexta-feira, a maioria de todos os outros já tinha ido para casa para o fim de semana. Além de Stevens, eu tinha sido o único ainda trabalhando aqui nos andares inferiores.

Nós não tivemos muito tempo para esperar. Tínhamos deixado a porta do escritório aberta, e passos estalaram no chão de mármore e ecoaram pelo corredor até nós.

— Proteja este andar e certifique-se de que todos os escritórios estão vazios, — ouvi um dos ladrões dizer. — Não quero que ninguém venha atrás de nós tentando bancar o heroi. O resto de nós vai descer para o cofre. Que é onde o dinheiro real vai estar.

— Entendi, — outro homem disse.

A maioria dos passos seguiu em frente e depois desapareceu, enquanto os ladrões com Stevens e Clarissa no reboque, desciam para o andar do cofre. Mas depois de um momento, mais passos soaram, crescendo mais e mais altos e vindo nesta direção. Eu escutei. Dois homens, um para liderar e outro para apoio. Graças à tela de TV, sabíamos que dois dos ladrões tinham ficado no saguão para manter os caixas sob controle. Já que dois estavam vindo para cá, isso significava que Clarissa levara mais dois até o cofre com ela, junto com Stevens. Assenti para Xavier, que assentiu de volta.

Os caras eram minuciosos, eu daria isso a eles. Um por um, eles espiaram dentro de todos os escritórios, acendendo as luzes e se certificando de que eles estavam vazios antes de fechar e trancar as portas atrás de si. Clarissa tinha reunido uma tripulação decente o suficiente - era apenas má sorte dela que tinha escolhido meu banco para roubar. Eu podia foder com a Receita Federal e, ocasionalmente, com meus clientes, mas sempre protegia o que era meu - e este banco era meu. Eu era um pouco como Gin desse jeito.

Finalmente, os ladrões chegaram ao meu escritório. O primeiro cara entrou e ligou o interruptor da luz.

— Limpo…

Isso foi tudo o que ele colocou para fora antes de Xavier avançar e bater com o punho no rosto do outro homem. O cara caiu como uma pedra. Eu não podia dizer se Xavier tinha quebrado seu pescoço com o golpe ou apenas o nocauteado. Eu não me importava realmente de qualquer maneira.

Mas o companheiro do cara ouviu o estalo do punho de Xavier se conectando porque disparou para dentro do escritório e levantou a arma para o gigante.

— Quem diabos é você…

Isso foi tudo o que o segundo cara colocou para fora antes de eu sair deslizando de trás da porta e enfiar minha arma no lado de seu pescoço.

— Eu ia te perguntar a mesma coisa, — falei lentamente. — Mas realmente não me importo com quem você é. Estou mais interessado na sua chefe, a adorável Clarissa. Xavier, se você fizer as honras, por favor.

Xavier puxou o rolo de fita adesiva que eu tinha dado a ele do bolso de suas calças e passou a trabalhar nos ladrões. Dois minutos depois, ele tinha ambos amarrados como perus de Ação de Graças. Nós os deixamos lá no escritório e nos dirigimos para o cofre.

O cofre estava localizado no andar inferior do banco, várias centenas de metros abaixo do solo. Aqui embaixo, os pisos e paredes de mármore davam lugar a uma mistura de aço e granito reforçada com silverstone, um metal especial que absorvia todas as formas de magia.

Clarissa tinha deixado um cara para trás na base das escadas, mas ele estava mais interessado em espiar pelo corredor e para dentro do cofre do que se manter vigiando como deveria. Um bem colocado golpe de Xavier, e ele foi derrubado. Isso deixava mais um cara para cuidar, junto com a própria Clarissa.

Xavier arrastou o ladrão inconsciente de volta para a escada e fora de vista, enquanto eu espiava em torno do canto. Mais à frente, a porta do cofre estava escancarada, revelando fileira após fileira de cofres de segurança. Os buracos das fechaduras no metal brilhavam como centenas de olhos silenciosos, todos me encarando. Deslizei de volta para a escada justo quando Xavier terminou de prender o ladrão com fita adesiva.

— Você acha que pode lidar com os dois caras ainda lá em cima no saguão? — Perguntei a ele em uma voz baixa.

Xavier estalou os dedos novamente. — Alegremente.

Assenti. — Tudo bem. Eu vou cuidar do outro cara aqui embaixo e Clarissa também.

Xavier assentiu de volta e começou a subir as escadas. Deslizei fora dos meus sapatos para que eles não estalassem no chão e rastejei pelo corredor em direção ao cofre.

Os tinidos e estrondos e maldições ficavam mais e mais altos enquanto me aproximava da porta aberta do cofre. Soava como se alguém estivesse usando um pé de cabra para forçar os cofres de segurança fora das paredes. Bruto, mas eficaz o suficiente. O conteúdo de apenas uma das caixas faria toda esta operação vantajosa. Alcancei a porta, mas em vez de ir para dentro, me agachei de joelhos. Tirei um espelho do meu bolso - um dos outros itens que eu tinha escondidos na minha mesa - e o angulei para que eu pudesse ver dentro do cofre.

O último ladrão estava de pé na frente de uma das fileiras de cofres de segurança, mostrando um pé de cabra entre os vincos no metal e soltando-os com um estalo como se fossem nozes que estava descascando. Fácil o suficiente para ele fazer, já que ele era um gigante. Enquanto isso, Stevens e Clarissa estavam de um lado. Stevens parecia abismado. De vez em quando, algumas lágrimas iriam escorrer do adorável rosto de Clarissa. A vamp ainda estava representando seu papel até o fim do jogo. Eu realmente admirava seu profissionalismo e dedicação ao seu ofício.

Uma vez que eu tinha visto o que precisava, guardei o espelho, me endireitei, e entrei no cofre.

— Hey, — Eu disse. — Você não sabe que não é agradável de roubar das outras pessoas?

Assustado, o gigante chicoteou ao redor. Atirei nele uma vez através de seu olho direito antes de colocar outra bala através do seu esquerdo. Seu pé de cabra bateu no chão um segundo antes de seu corpo tombar em cima de Stevens, dirigindo o gerente do banco ao chão. Por sua vez, Stevens começou a choramingar sobre todo o sangue e cérebros pingando em cima dele, mas o gigante era tão mais pesado do que ele, que Stevens não

conseguia sair de sob o corpo do homem morto. O bastardo não estava tão presunçoso agora. Sorri largamente. Yeah, eu tive um bocado de satisfação ouvindo Stevens guinchar.

Clarissa imediatamente atravessou o cofre e se jogou em meus braços. — Oh! Oh! Obrigado! Obrigado! Obrigado por nos salvar!

Ela choveu beijos quentes, apaixonados, agradecidos por todo o meu rosto, mesmo enquanto suas mãos se moviam por todo meu corpo. Divertido, eu a deixei, em seguida, virei minha cabeça e travei minha boca com a dela. Persuadi seus lábios a abrirem com a minha língua. Ela tinha gosto doce e azedo, ao mesmo tempo, exatamente como eu pensei que iria.

Clarissa engasgou de surpresa, mas depois, ela percebeu que oportunidade eu acabara de lhe dar. Um segundo depois, sua língua estava duelando com a minha, mesmo enquanto uma de suas mãos se enrolava pelo meu cabelo. Deixei o beijo continuar por vários segundos.

Então, eu gentilmente levantei minha arma contra o seu coração e pressionei de volta o martelo.

Vampiros têm sentidos aprimorados, então Clarissa ouviu o clique mesmo acima do som de seus próprios gemidos baixos, apaixonados. Ela congelou, seus lábios ainda nos meus.

— Oh, por favor, — Eu disse. — Corte a atuação. Eu já vi melhor desempenho das prostitutas ao longo das ruas de Southtown. Quanto tempo mais você ia continuar me beijando antes de me apunhalar com essa faca? Hmm? Onde estava, a propósito? Estou supondo que a enfiou em sua cinta-liga. Certamente essa sua saia é curta o suficiente para te permitir fácil acesso a ela.

Clarissa recuou, um estilete apertado em sua mão direita. Não era diferente das facas que Gin usava. A única diferença era que mais alguns segundos, e essa teria sido enterrada no meu coração.

— Como você sabia? — ela sibilou em voz baixa.

Sorri largamente. — Eu sempre soube, desde o primeiro dia que você veio para o banco. Você realmente deveria ter ido para mim em vez de Stevens. Eu ainda teria descoberto o seu pequeno jogo, mas garanto que você teria tido um inferno de muito mais diversão comigo do que com ele.

Como se para provar meu ponto, Stevens continuou choramingando no chão.

Clarissa olhou para ele, depois para mim. Seus olhos se arregalaram, e ela me deu um sorriso doce. — Estou certa de que podemos chegar a algum tipo de arranjo…

— Finn, — Eu alegremente lhe forneci meu nome. — Mas temo que seja tarde demais para tudo isso. Você feriu meu ego, vê, e não há dinheiro suficiente no mundo para acalmar meu ego quando ele fica ferido. Especialmente não dinheiro roubado do meu próprio banco. Sinto muito, Clarissa, suas artimanhas podem ter funcionado no pobre Stevens ali, mas eu sou um pouco mais esperto do que ele é.

Clarissa era exatamente tão durona quanto eu era, e sabia que eu quis dizer cada palavra. Já que sexo não tinha funcionado comigo, ela passou para o outro velho plano B - violência.

— E você deve saber exatamente o quão boa eu sou com esta faca, — ela disse, piscando a lâmina para mim. — Eu matei mais do que um homem com ela ao longo dos anos. Eu vou te matar com ela também.

— Duvido disso, desde que eu sou aquele segurando a arma.

Ela fitou a arma, que eu tinha baixado para o meu lado, uma vez que ela se afastara de mim. — Você realmente acha que pode dar um tiro antes que eu corte sua garganta com a minha faca?

— Eu sei que posso, — disse em uma voz suave.

Ficamos lá encarando um ao outro. Eu podia não ter sentidos aprimorados como a vampira tinha, mas pude ver sua mão se apertando ao redor da faca e ver o leve movimento de seu corpo quando ela deslocou seu peso - e não da forma que eu queria. Suspirei. Clarissa tinha acabado de fazer a escolha errada - a derradeira escolha de sua vida.

— Não faça isso, — avisei. — Desonesta como você é, eu odiaria explodir esse seu rostinho bonito todo em pedaços.

Clarissa sorriu e começou a se agachar como se fosse colocar a faca no chão. Mas não havia nenhum calor em seus olhos, nenhuma entrega, nenhuma rendição. Sua mão se apertou um pouco mais ao redor da faca, e ela se lançou para mim, a lâmina do estilete cortando através do ar.

Estalei minha arma para cima e disparei três vezes em seu rosto.

A cabeça de Clarissa - o que restou dela - chicoteou para trás, e a força das balas perfurando seu crânio atirou todo o seu corpo contra uma das paredes. Ela se pendurou lá

um momento, suspensa em pleno ar antes de seus membros amassarem, e ela escorregar para o chão.

Esperei alguns segundos para me certificar de que Clarissa estava morta, depois me aproximei e me agachei ao lado dela. Apesar da questão do sangue e do cérebro salpicados ao redor dela, eu ainda podia sentir seu perfume - aquele sutil aroma de madressilva, agora horrivelmente, irrevogavelmente tingido com cobre.

Mesmo na morte, apesar do fato de que parte da cabeça dela estava faltando, ela ainda era uma das criaturas mais belas que eu já tinha visto. Um metro e sessenta e três centímetros de perfeição suave, curvilínea, ficando cada vez mais fria e rígida a cada segundo que passava.

— Que desperdício, — murmurei. — Que fodido desperdício de uma bela mulher.

Então, pisei sobre seu corpo e me dirigi para fora do cofre para chamar Sophia Deveraux para vir e limpar a bagunça.

Fim



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503



All Creatures of the night get together ***After dark***